



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 14/04/2023 a 20/04/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
14/04/2023	15,00	459,70	53,66	6,82	6,66
17/04/2023	15,17	465,70	54,57	6,96	6,76
18/04/2023	15,19	461,10	55,36	6,98	6,77
19/04/2023	15,06	454,40	55,02	6,81	6,72
20/04/2023	14,97	451,30	54,43	6,67	6,63
Média	15,08	458,44	54,61	6,85	6,71

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	137,00	
RS – Londrina	129,00	
PR – Cascavel	128,00	
MT – C.N.Parecis	121,00	
MS – Maracaju	128,00	
GO - Rio Verde	121,00	
BA – L.E.Magalhães	124,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	69,00	CIF
Porto de Paranaguá	70,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	66,00	
SC – Rio do Sul	63,00	
PR – Cascavel	58,00	
PR – Londrina	57,00	
MT – C.N.Parecis	58,00	
MS – Maracaju	53,00	
SP – Itapetininga	70,00	
SP – Campinas	74,00	CIF
GO – Rio Verde	59,00	
GO – Jataí	59,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	76,00	
PR – Londrina	77,00	
PR – Cascavel	77,00	

Período: 19/04/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 20/04/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	71,50	141,46	77,74

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
20/04/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	86,63
Feijão (saco 60 Kg)	274,73
Sorgo (saco 60 Kg)	58,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,57
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,61**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,48

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Fevereiro/23, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Clicmercado – Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, após ensaiarem uma elevação, com o primeiro mês cotado voltando a ultrapassar os US\$ 15,00/bushel, atingindo mesmo US\$ 15,19 no dia 18/04, voltaram a recuar no final da semana. Com isso, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (20) em US\$ 14,97/bushel, contra US\$ 15,01 uma semana antes.

Começa a haver pressão do plantio nos EUA, o qual iniciou bem, neste ano. Até o dia 16/04 o mesmo chegava a 4% da área esperada, contra 1% na média histórica para esta época.

Por sua vez, os embarques de soja, na semana encerrada em 13 de abril, somaram 526.376 toneladas nos EUA, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o total exportado no ano comercial chega a 46,7 milhões de toneladas, sendo apenas 1% superior ao registrado no mesmo período do ano anterior.

Já a NOPA (Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA) apontou que o esmagamento de soja, naquele país, atingiu a 5,06 milhões de toneladas de soja em março, ficando acima das expectativas do mercado e também acima do volume registrado em fevereiro. O volume processado no mês passado foi o segundo maior, para um mês, desde dezembro de 2021. A entidade informou também que os estoques de óleo de soja, naquele país, ficaram 0,86% abaixo do esperado pelo mercado.

Por outro lado, na China, a política local continua sendo de reduzir o uso do farelo de soja nas rações animais, visando diminuir a dependência para com as importações de soja. O novo plano propõe que a proporção de farelo de soja na alimentação animal seja reduzida para menos de 13% até 2025, ante 14,5% em 2022. Esta política iniciou ainda em 2021 e lentamente vai pesando negativamente no mercado mundial da soja. O maior comprador mundial da oleaginosa, por enquanto, parece desejar diminuir mais as compras dos EUA, mas não há dúvida que Brasil e Argentina serão igualmente atingidos. A ideia seria reduzir o uso do farelo de soja, nas rações, para 12% até 2030. Com isso, cerca de 4 milhões de toneladas de grãos de soja deixariam de ser importadas. Há uma tendência de que as importações de soja do país asiático possam recuar para 82 milhões de toneladas até 2025, contra as atuais 96 milhões. Os chineses estariam usando mais colza, semente de girassol e proteína sintética como substitutos do farelo de soja. (cf. Rabobank)

Enquanto isso, na Argentina, diante de uma quebra de safra sem precedentes, com a produção da atual safra sendo estimada, agora, em apenas 23 milhões de toneladas, a oferta de farelo de soja continua reduzida. Mesmo com o novo “dólar soja” os produtores locais não estão vendendo o suficiente, gerando alta capacidade ociosa e margens ruins junto à indústria moageira local. Os primeiros dias desta nova fase do câmbio diferenciado, para os sojicultores, resultaram em vendas ao redor de 441.000 toneladas, contra 1,6 milhão na segunda rodada e 3,1 milhões na primeira. (cf. Bolsa de Comércio de Rosário) Grande parte do problema está no imposto de exportação (retenções), mantido pelo governo, e que tira 33% da margem de ganho do produtor argentino.

E aqui no Brasil, os preços continuam despencando. O câmbio colaborou nesta semana, recuando para R\$ 4,92 por dólar em alguns momentos, enquanto os prêmios chegaram a US\$ 2,10/bushel negativos para abril e maio, tomando Paranaguá como referência. Mesmo com o dólar voltando ao patamar de R\$ 5,08 no final da semana, devido a uma desidratação na proposta do arcabouço fiscal enviado ao Congresso, os preços não mudaram de rumo.

Em tal contexto, a média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 141,46/saco, com muitas praças locais praticando R\$ 137,00 (o pior preço em dois anos). Nas demais regiões do país os preços são ainda piores, com as médias girando entre R\$ 121,00 e R\$ 129,00/saco.

Em geral, os produtores brasileiros, não ansia de ganharem ainda mais, deixaram o mercado escapar dos R\$ 200,00/saco, apostando em preços ainda maiores, apesar dos alertas. Com isso, e diante de nova safra nacional recorde, das históricas dificuldades de logística que o país possui, e de movimentos de compra menos intensos por parte da China, os preços despencaram, mesmo com Chicago se mantendo firme. Aliás, os preços só não são menores graças a Chicago. Se naquela Bolsa o bushel estivesse, hoje, em US\$ 13,36 (valor cotado para setembro), o preço do saco de soja no mercado gaúcho estaria ao redor de R\$ 108,00, mantidas as demais variáveis como estão na atualidade. Mais uma vez se comprova a importância da prática da média de comercialização, a partir do custo de produção que cada propriedade possui.

Agora, diante do forte recuo nos preços, os produtores aceleraram o ritmo de venda da última safra, com a mesma atingindo a 43% da safra até o dia 07/04, o que representa 66 milhões de toneladas da colheita total. No ano anterior, o volume era de 72 milhões de toneladas, o que correspondia a 55% da safra daquele ano. A média histórica fica em 59,8% da produção estimada. (cf. Datagro) Vale destacar que a aceleração das vendas se deve, também, à chegada do período de pagamento dos compromissos e contratos financeiros, assumidos quando da formação da lavoura, além de dívidas que se acumulam, especialmente no caso dos produtores gaúchos, que enfrentaram uma terceira frustração de safra em quatro anos.

Dito isso, a colheita da soja no país atingia a 86,3% da área nacional no início da presente semana, contra 89,7% na média histórica para a data. (cf. Pátria AgroNegócios)

Especificamente no Rio Grande do Sul, a colheita continua muito atrasada, atingindo a 32% da área até o dia 13/04, contra 64% na média histórica para a data. (cf. Emater)

Enfim, as exportações de soja, por parte do Brasil, atingiram a média de 838.860 toneladas diárias até a segunda semana de abril, com desaceleração ao redor de 10% em relação ao início do mês. Mesmo assim, supera as 603.800 toneladas diárias registradas em abril do ano passado. (Cf. Secex) Apesar da redução no ritmo, a Anec espera que o Brasil exporte 15,1 milhões de toneladas de soja no mês de abril, superando as 11,4 milhões registradas em abril de 2022.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram um pouco nesta semana, com o fechamento da quinta-feira (20), para o primeiro mês cotado, ficando em US\$ 6,63/bushel, contra US\$ 6,52 uma semana antes.

Apesar de alguns contratemplos climáticos, o plantio nos EUA está avançando normalmente, tendo chegado a 8% da área no dia 16/04, contra a média histórica de 5% para a data.

Quanto aos embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 13/04 o total somou 1,22 milhão de toneladas, superando as projeções do mercado. Mesmo assim, na totalidade do atual ano comercial, o volume ainda é 36% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior, com 21,4 milhões de toneladas.

E no Brasil os preços igualmente continuaram recuando. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 71,50/saco, enquanto nas principais praças locais o preço chega a apenas R\$ 66,00/saco. Nas demais localidades brasileiras, os preços do milho oscilaram entre R\$ 53,00 e R\$ 70,00/saco.

Já na B3, também o recuo é importante. Para referência, o fechamento da quarta-feira (19) registrou apenas R\$ 69,09/saco para maio, R\$ 68,77 para julho, R\$ 70,01 para setembro, R\$ 71,94/saco para novembro. Um ano atrás, nesta data, os valores giravam entre R\$ 92,00 e R\$ 95,30/saco.

Com a expectativa recorde na produção da safrinha brasileira deste ano e as exportações caminhando um tanto lentamente, em relação ao esperado, além de um câmbio que não ajuda as vendas externas, os preços nacionais recuam fortemente, na esteira do movimento geral das commodities. Para se somar ao processo, a Conab anuncia uma projeção de safra total, nacional, maior do que o inicialmente previsto, devendo atingir 124,9 milhões de toneladas. Lembrando que alguns analistas privados chegam a avançar 130 milhões.

Segundo a Conab, a colheita do milho de verão teria alcançado 54,8% da área nacional, até meados de abril, contra 60% no mesmo período do ano passado.

Neste sentido, especificamente no Rio Grande do Sul, segundo a Emater a colheita, até o dia 13/04, atingiu a 80% da área, contra 71% na média histórica para esta data.

No Mato Grosso do Sul, a safrinha estando semeada, a área total ficou pouco acima de 2,3 milhões de hectares, com projeção se mantendo em 11,2 milhões de toneladas. Importante lembrar que apenas 72,2% do plantio ficou dentro da janela ideal, ou seja, entre 17/02 e 24/03. Já em termos de preço, o saco do produto perdeu 13% de seu valor na semana entre o 10 e o 17 de abril, ficando na média de apenas R\$ 57,71/saco. (cf. Famasul)

E pelo lado das exportações, com a iniciativa privada esperando que o país venda cerca de 50 milhões de toneladas neste ano, nas duas primeiras semanas de abril o país exportou 351.072 toneladas do cereal, deixando o volume acumulado, dos primeiros nove dias úteis do mês, em 50,8% do que foi exportado em todo o mês de

abril do ano passado. Assim, a média diária está 7,4% mais elevada do que o registrado no ano passado, em abril. (cf. Secex)

Enfim, vale o registro de que a produção de etanol de milho, no Mato Grosso do Sul, na safra 2022/23, foi a segunda maior do Brasil, segundo a União Nacional do Etanol de Milho. De acordo com a entidade, a produção de apenas uma usina, em operação no Estado, correspondeu a 21,9% do volume de etanol de milho produzido no país na safra do ano passado. Foram 710.000 metros cúbicos produzidos em Mato Grosso do Sul na safra 2022/23, dentro de uma produção total de 4,38 milhões de metros do combustível no país. Segundo a entidade, a estimativa para a safra 2023/24 é de 1,14 milhões de metros cúbicos de etanol de milho produzidos, ainda por apenas uma das usinas de etanol instaladas no Estado. Além do Mato Grosso do Sul, outros quatro Estados brasileiros produzem etanol de milho, hidratado e anidro. O Mato Grosso lidera o ranking da produção do biocombustível, seguido por Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná e São Paulo. Ao todo, o país já conta com 20 usinas de etanol em operação, com capacidade instalada de 6 milhões de metros cúbicos na safra 2023/24.

E de acordo com a Biosul, a produção total de etanol em Mato Grosso do Sul, na safra 2022/23, chegou a 3,2 bilhões de litros, volume 33% maior em relação à safra passada, já contando o volume produzido de etanol de milho.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, se aproximaram novamente dos US\$ 7,00/bushel durante a semana, porém, retrocederam no final da mesma. O fechamento desta quinta-feira (20), para o primeiro mês cotado, ficou exatamente no mesmo valor de uma semana antes, ou seja, US\$ 6,67/bushel.

Nos EUA, as condições das lavouras do trigo de inverno continuam complicadas. Até o dia 16/04, apenas 27% das mesmas se mantinham entre boas a excelentes. Outros 34% estavam regulares e 39% entre ruins a muito ruins. Já o plantio do trigo de primavera atingia a 3% da área esperada, contra a média histórica de 7% nesta data.

Quanto aos embarques de trigo, o volume atingido, na semana encerrada em 13/04, ficou em 239.907 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. O total embarcado, no atual ano comercial, soma 17,5 milhões de toneladas, ou seja, 3% a menos do que o registrado em igual período do ano anterior.

E aqui no Brasil os preços continuam com viés de baixa. A média gaúcha caiu para R\$ 77,74/saco, sendo que praças importantes praticaram R\$ 76,00. Enquanto isso, no Paraná o produto recuou para R\$ 77,00/saco.

A revalorização do Real retirou competitividade do produto exportado e favoreceu os preços de importação. Com isso, há muito trigo ainda disponível no país. Além disso, o plantio da nova safra iniciou no Paraná e Estados menos expressivos na produção de trigo, com perspectiva de aumento na área nacional.

Neste último caso, projeções privadas dão conta de uma área maior em 6,1% no país, para a próxima safra, o que elevaria a mesma para 3,48 milhões de hectares (cf.

StoneX). Com isso, se o clima ajudar, a produção nacional deverá atingir um novo recorde, ao redor de 11,3 milhões de toneladas. Em isso se confirmando, a pressão sobre os preços do produto será ainda maior, devendo ocorrer novas baixas no restante do ano. Especialmente porque os estoques iniciais, para este novo ano comercial, apontam para um aumento de 83,2% sobre o registrado no início de 2022/23, alcançando um total de 1,76 milhão de toneladas. Ajuda para isso o fato de que o consumo interno do cereal marca passo, devendo recuar 0,4% no ano e ficar em 13,2 milhões de toneladas, enquanto as exportações cairão 17,4%, ficando em 2,13 milhões de toneladas, gerando estoques finais, para o ano seguinte, de 3,9 milhões de toneladas, ou seja, 121,2% acima do registrado em 2022/23. Não há preço que se sustente, ao produtor, diante de tal tendência de oferta e demanda no país.

Enfim, em relação às exportações, o Brasil vendeu 20% menos trigo no primeiro trimestre do corrente ano, em comparação com igual período do ano passado. Foram 1,74 milhão de toneladas neste ano, contra 2,2 milhões no ano anterior. No acumulado do ano, as exportações brasileiras de trigo geraram receita 13% menor do que o obtido no mesmo período do ano passado, embora o preço médio tenha subido 8,6%, ficando agora em US\$ 326,24/tonelada. Os três principais destinos do trigo brasileiro, neste ano, foram Indonésia (622.204 toneladas), Arábia Saudita (198.680 toneladas) e Vietnã (151.411 toneladas). Esses mercados já eram compradores de trigo brasileiro, de qualidade inferior, e se tornaram destinos também do cereal de qualidade superior em meio às restrições nas exportações do cereal da região do Mar Negro, após o início do conflito entre Rússia e Ucrânia. Por sua vez, as importações do cereal recuaram 23,8% no primeiro trimestre, ante igual período do ano anterior, ficando em 1,16 milhão de toneladas. Do volume total importado nos três primeiros meses do corrente ano, 855.233 toneladas foram de cereal argentino, seguido do produto uruguaio (186.248 toneladas) e o russo (83.641 toneladas). O Brasil importa anualmente de 50% a 60% do volume consumido internamente de trigo. Em março, os moinhos brasileiros compraram 428.393 toneladas do cereal, no exterior, representando 17,9% menos do que em igual período do ano passado. (cf. Agrostat/Broadcast)